# INDEPENDENCIA NO MARANHÃO

Trechos de uma Memoria lida no Instituto Historico e Geographico Brazileiro

POR

*TRISTÃO DE ALENCAR ARARIPE*

Sabem todos, que no Maranhão era forte o partido portuguez, e este oppôz-se tenazmente á independencia nacional.

Vendo o imperador o estado precario d'esta provincia, expedio a carta imperial de 16 de Abril de 1823, pela qual incumbia ao capitão-mór José Pereira Filgueiras de ir a essa provincia sustentar a causa da nossa emancipação politica

N'essa carta dizia o imperador a Pereira Filgueiras, (a quem denomina capitão-mór dos Aracatís da provincia do Ceará) que, dezejando pôr a salvo os abitantes do Maranhão dos gravissimos males, que tinhão sofrido, e que continuarião a sofrer emquanto ali existissem tropas luzitanas, «o encarregava da importante commissão de reunir a maior força possivel tanto de tropa de 1.ª linha e milicias como cidadãos armados, e o autorizava para que com essa

força e de commum accordo com o coronel de milicias da Parnahíba Simplicio Dias da Silva, marxasse a libertar a escravizada provincia do Maranhão do infame jugo, que a oprimia.»

Com efeito, o imperador não se dirigia a um cidadão baldo de potriotismo; acontecendo aliás que o Ceará tinha-se antecipado aos dezejos do monarca, com a deliberação de auxiliar seus irmãos na obra da redempção do paiz.

O governo temporario do Ceará, ao saber que no Piauhi o governador das armas major João José da Cunha Fidié opunha-se á declaração da independencia, e impedia que os Piauhienses abraçassem a cauza nacional, deliberou acudir aos seus compatriotas oprimidos.

Para esse fim a junta provizoria do Ceará rezolveu enviar para a provincia do Piauhi o governador das armas Jozé Pereira Filgueiras e o vogal mais votado da mesma junta Tristão Gonçalves de Alencar Araripe (1), afim de que ambos conjuntamente promovessem o bom exito da empreza.

A 29 de Março os dous membros do governo cearense deixárão a capital de sua provincia, e dirigirão-se ao seu destino, tendo antes enviado tropas por diversos pontos.

E porque os cofres da provincia do Ceará (diz o senador Luiz Antonio Vieira da Silva na sua istoria da independencia do Maranhão) estivessem exhauridos, estes xefes convidavão os abitantes das villas mais populozas, por onde passavão, como fôsse o Icó e o Crato, para que concorressem com donativos ou emprestimos, os quaes generozamente assim o fizerão.

No entretanto Cunha Fidié batia-se com as tropas cearenses junto a Campo-maior, e os Piauhienses podião na sua capital, Oeiras, levantar um governo temporario.

---

(1) Este cidadão assinava-se então com o nome de Tristão Gonçalves Pereira de Alencar. Depois que regressou da campanha de Caxias suprimio o apelido Pereira, e tomou o de Araripe.

Cunha Fidié deixa o territorio do Piauhi, busca o Maranhão, e fortifica-se em Caxias de inteligencia com as autoridades portuguezas da capital.

Em Oeiras dous delegados do governo do Ceará predispunhão-se a seguir em sua marxa, e ir bater o fugitivo xefe portuguez em seu reducto de Caxias, quando xegou ás mãos de Pereira Filgueiras a carta imperial de 16 de Abril, a que acima nos referimos.

Rezolvêrão então os ditos delegados proceder de acôrdo com a provincia do Piauhi, cujo governo, recentemente creado, prestou-se a concorrer com as suas forças.

Para a direção de tão importante negocio formou-se uma junta de delegação expedicionaria do Ceará e Piauhy, composta de Pereira Filgueiras e Tristão Gonçalves por parte do Ceará e de Manoel de Souza Martins, depois Visconde da Parnahiba, e de Joaquim de Souza Martins por parte do Piauhi, sendo secretario o patriota pernambucano Luiz Pedro.

Pereira Filgueiras, além de prezidente da junta, marxava com o cargo de general em xefe do exercito auxiliador.

A junta de delegação expedicionaria aprezentou-se em Maio diante de Caxias com cêrca de 6.000 omens, e já em Julho as forças independentes subião a 18.000 combatentes em todo o territorio maranhense.

Em 23 de Julho Cunha Fidié era intimado para render-se, e a 24 o commandante geral de Caxias Luiz Manoel de Mesquita reunia toda a oficialidade, a camara, autoridades, e mais omens bons do povo, e rezolvia não prolongar-se a resistencia.

A 27 Cunha Fidié demitia-se do cargo de governador das armas do Piauhi, e a 30 Luiz Manoel oficiava ao general do exercito independente nos seguintes termos:

«Tenho rezolvido propôr e enviar a V. Exc. uma convenção por uma deputação composta do major Francisco Salazar Moscozo, capitão Antonio Bernardo de Oliveira Pimentel, e do capitão Jozé Colaço Brandão, os quaes levão todos os poderes para tratar dos possiveis arranjos respectivos á mesma convenção, segundo a de-

cizão de um conselho, que ontem convoquei para este fim. »

No 1 de Agosto o exercito independente auxiliador entrava triumfante na rica e opulenta vila de Caxias (1), onde o poder portuguez no Maranhão perdia o ultimo alento, porque na rezistencia de Caxias fundava a rezistencia da capital.

Depois que a junta de delegação expedicionaria penetrára no territorio do Maranhão, sitiando Caxias, os patriotas maranhenses cobrárão animo, e redobrárão de esforços.

Estes esforços não forão baldados.

O capitão Salvador Cardozo de Oliveira a quem conheci já cégo em 1854, e na avançada idade de mais de 90 annos na comarca de Bragança no Pará, onde referio-me ainda com entuziasmo as suas patrioticas proezas, e outros muitos benemeritos propugnadores da cauza brazileira dezenvolvêrão notavel atividade, de maneira que em 20 de Julho de 1823 já estava eleito na villa de Itapicurúmirim um governo provizorio para sustentar a cauza da Independencia do Maranhão, sendo nomeado governador das armas o tenente-coronel Jozé Felix Pereira de Burgos, que depois condecorou-se com o titulo eraldico da villa, onde tão importantes serviços prestára ao seu paiz.

D'entro em poucos dias a independencia era proclamada na Tutoia, Icatú, Viana e demais povoações da provincia: Caxias cessára a rezistencia a 24 de Julho, de sorte que ao xegar Lord Cochrane no Maranhão só a Capital e Alcantara não avião aderido á causa da independencia.

A respeito do estado de Alcantara, lêmos em oficio de 4 de Agosto, escripto por José Felix, antes da xegada do almirante á capital o seguinte: «A villa de Alcantara já nos tem confiado os seus independentes sentimentos, declarando-se da nossa parte.»

---

(1) Na istoria do Ceará, que tenho em manuscrito, refiro individuamente todos estes sucessos.

Na capital a proclamação da independencia já era cauza vencida.

As proprias autoridades portuguezas avião enviado a Itapicurúmirim o opulento negociante Antonio Jozé Meireles e o conego Francisco da Mãi dos Omens para obter armisticio, e esperar decizão d'el-rei de Portugal de acôrdo com seu filho o imperador de Brazil.

Isto significava o reconhecimento da nossa victoria. Estas autoridades só buscavão meios de cessar a rezistencia sem parecer infieis á metropole.

A verdade de nossa asserção está nas seguintes palavras do citado oficio de José Felix: «Voltando os seus commissarios dezenganados de que nós não admitiamos tão absurda e incoherente propozição, manifestárão logo depois, que resolvião-se a proclamar a independencia. O Maranhão não tem recarso algum, de que lance mão, para escapar de annuir ao nosso sistema, e por dias o fará.»

O bispo da dioceze, prezidente da junta governativa da capital, escrevendo ao rei em 22 de Julho expunha as apertadas circumstancias da cauza da metropole, e concluia dizendo: «Digne-se, pois, Vossa Magestade tomar tudo isto em consideração, afim de prontamente sermos socorridos com tropas, e sermos aliviados de um pezo, com que já não podemos.»

A narração de Lord Cochrane faz prezumir, que a noticia da rendição e evacuação da Bahia fóra por elle dada ao xegar ao Maranhão; sendo, como elle declara, um dos motivos eficientes do seu estratagema.

Cumpre, porem, observar que esse sucesso já então era conhecido na provincia.

A Bahia rendeu-se e fôra evacuada pelo general Madeira de Mello a 2 de Julho de 1823; e a 23 do mesmo mez em Caxias a noticia do nosso triumfo era transmitida ao major Cunha Fidié, quando foi-lhe intimada a ordem da rendição; o que consta do seguinte trexo do oficio de intimação dirigida ao mesmo major por Pereira Filgueiras: «Asseguro, que V. S. não ha de ser mais feliz do que o experimentado Luiz do Rego, e o machiavelico Madeira de Mello, que acaba de voar.»

Logo, a noticia da occupação da Bahia pelas tropas brazileiras não era um motivo novo para influir sobre o animo dos sustentadores da cauza de Portugal.

Esse motivo já existia, e era com efeito uma das cauzas, que debilitavão o partido portuguez, e o induzião a ceder aos esforços empregados pelos defensores do Brazil na provincia, antes do aparecimento ali do nosso almirante.

A assembléa constituinte, sabedora dos successos do Maranhão, rezolveu aprezentar um voto de agradecimento a Lord Cochrane, e ás tropas de terra, e aos cidadãos que concorrêrão para trazer aquella provincia ao gremio da familia brazileira, e n'esse voto os reprezentantes do povo fizerão justiça.

A's forças de terra, e aos cidadãos agradecia os esforços empregados em prol da independencia na provincia; e ao lord agradecia o exito obtido na capital.

Na mensagem de 3 de Outubro de 1823, dizião os nossos reprezentantes ao xefe da esquadra brazileira: «A assembléa geral constituinte e legislativa d'este imperio acaba de ser informada, que V. Exc. dirigira de seu proprio movimento a esquada vitorioza para o porto da cidade de São Luiz do Maranhão, donde, fazendo dezalojar as tropas luzitanas, que abafavão o patriotismo dos seus generozos abitantes, obteve, que, restituidos elles á sua liberdade, proclamassem e jurassem espontanea e unanimemente sua independencia de Portugal, e sua decidida união ao imperio brazileiro.»

Isto tambem reconhecia o governo imperial, quando em communicação oficial com a mesma assembléa assim se exprimia: «Recebeu S. M. o imperador a muito satisfactoria noticia de averem os abitantes da cidade de São-Luiz, capital da provincia do Maranhão, com o auxilio do almirante Lord Cochrane, que ali inesperadamente aportára no dia 26 de Julho, executado felismente o glorioso projeto, que avião concebido, de sacudir o jugo luzitano, como já avião praticado os mais povos da provincia.»

Assim ficou logo discriminado o que na empreza da proclamação da independencia no Maranhão os Brazileiros devião aos seus compatriotas, e o que devião ao almirante, cooperador da nossa nacionalidade, como o fôra da nacionalidade xilena.

De quanto fica exposto conclue-se, que quando Lord Cochrane aportou ao Maranhão, toda a provincia, á excepção dos dous pontos da capital e Alcantara, estava sob o dominio dos independentes.

Que já avia um governo provincial erecto para sustentar a cauza da independencia.

Que Alcantara não opunha-se á declaração d'esta.

Que a capital não tinha meios de rezistencia eficaz, e convencia-se da necessidade de proclamar o novo regimen.

Que a junta de delegação expedicionaria, tendo vencido Caxias, podia dispôr, conjuntamente com o governo estabelecido na villa de Itapicurúmirim, de 18.000 homens para dar liberdade ao Maranhão, e já se dispunha a marxar para a capital quando a 11 de Agosto recebeu communicações oficiaes dos acontecimentos da mesma capital.

Portanto Lord Cochrane não conquistou o Maranhão para a cauza da independencia, sendo evidente que o triumfo da cauza brazilica ali deve-se:

1.°—A' patriotica empreza dos Cearenses e Piauhienses.

2.°—Aos esforços dos proprios Maranhenses.

(Da Revista do Instituto Historico e Geographico Brazileiro—1885)